



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO “PÉ-DE-PINCHA” DESENVOLVIDO NO DISTRITO DE PIRAIÁ, NO RIO ANDIRÁ NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA/AM

PONTES, Alfredo Luiz Belém. **Educação ambiental e escola: um estudo sobre o projeto “pé-de-pincha” desenvolvido no distrito de Piraiá, no rio andirá no município de Barreirinha/Am.** Florianópolis: Id Acadêmico, 2024.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa cujo tema é “Educação Ambiental e Escola: um estudo sobre o projeto “pé-de-pincha” desenvolvido no distrito de Piraiá, às margens do rio Andirá no município de Barreirinha /AM., é realizado com os professores e alunos do 4º e 5º anos, além dos membros da comunidade da referida área de estudo, alunos e moradores, desenvolvido pelo projeto “pé-de-pincha”, tendo a escola como sede do projeto na comunidade. Nesse período foi possível observar a atuação dos professores, a participação dos moradores, o interesse e participação dos alunos e sobretudo a importância do trabalho com projetos de educação ambiental. O objetivo deste trabalho é analisar como é realizada a educação ambiental na comunidade do distrito de Piraiá, levando em consideração a qualidade de vida de seus moradores. Para que possam identificar o real valor do meio ambiente, a partir dos projetos que visam o meio ambiente. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa quantitativa e qualitativa, tendo como base o método fenomenológico. E graças a esta investigação podemos apreciar o interesse e dedicação destas pessoas, que no seu dia a dia, enfrentando muitas dificuldades e desafios, conseguem continuar a sua atividade, utilizando os recursos naturais que a comunidade disponibiliza. Quanto aos alunos, verificamos que o seu nível de conhecimento sobre as questões ambientais é bastante elevado, pelo que não houve dificuldade em responder aos questionários. O trabalho educativo foca nas questões ambientais que os pedagogos da Escola do distrito de Piraiá transmitem com base nos conhecimentos já obtidos, eles também aprimoram seu desenho ambiental, buscando cada vez mais informações sobre o trabalho que realizam na escola. permitindo o sucesso das ações, tanto no manejo quanto na reprodução dos quelônios, bem como a inclusão deste conteúdo em suas propostas de trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Manejo. Reprodução de Quelônios.

SUMMARY

This article aims to present the results of research whose theme is “Environmental Education and School: a study on the “pé-de-pincha” project developed in the district of Piraiá, on the banks of the Andirá river in the municipality of Barreirinha /AM. , is carried out with teachers and students from the 4th and 5th years, in addition to community members from the aforementioned study area, students and residents, developed by the “pé-de-pincha” project, with the school as the project headquarters in the community. During this period it was possible to observe the performance of teachers, the participation of residents, the interest and participation of students and above all the importance of working with environmental education projects. The objective of this work is to analyze how environmental education is carried out in

the community of the district of Pirai , taking into account the quality of life of its residents. so that they can identify the real value of the environment, based on projects that target the environment. To this end, quantitative and qualitative research was used, based on the phenomenological method. And thanks to this research we can appreciate the interest and dedication of these people, who in their daily lives, facing many difficulties and challenges, manage to continue their activity, using the natural resources that the community makes available. As for the students, we found that their level of knowledge about environmental issues is quite high, so there was no difficulty in answering the questionnaires. The educational work focuses on environmental issues that the pedagogues at the Pirai District School transmit based on the knowledge already obtained. They also improve their environmental design, seeking more and more information about the work they carry out at the school. allowing the success of actions, both in the management and reproduction of chelonians, as well as the inclusion of this content in their pedagogical work proposals.

Keywords: Environmental Education. Management. Chelonian Reproduction.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute o trabalho realizado pelas atividades de manejo e reprodução dos quelônios desenvolvidas nas dependências da Escola Municipal do distrito de Pirai, Rio Andirá, município de Barreirinha AM, pelos professores e alunos desta escola, além da participação dos membros da comunidade nas ações do projeto. Esta é uma das tarefas mais importantes que se realizam na comunidade, pois trata-se de proteger e preservar a natureza física e o bem-estar social, que os moradores têm o privilégio de usufruir, mas com responsabilidade, sendo os maiores responsáveis pela a proteção. e a conservação destes recursos, para que as gerações futuras também tenham acesso a este recurso natural.

Porém, por se tratar de um projeto que envolve diretamente as questões ambientais, e, portanto, envolve professores, alunos e membros da comunidade, buscamos analisar como a educação ambiental é implementada na escola, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de seus moradores, além de reconhecer o nível de organização e consciência socioambiental dos moradores da comunidade.

Esta pesquisa tem caráter quanti-qualitativo, pautada no método fenomenológico, que nos permite trabalhar com coleta de dados, observação direta, questionários aplicados a alunos de 4º e 5º anos do ensino fundamental, entrevistas com professores, além de consulta de documentos da própria escola.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente, discutimos conceitos teóricos e questões históricas relacionadas à educação ambiental, com o

objetivo de lançar um olhar crítico sobre os problemas ambientais que exigem análise e debate sobre a mudança de comportamento.

O segundo momento aconteceu na escola municipal do distrito de Pirai, no Rio Andirá, município de Barreirinha-Am, o trabalho, baseado nas atividades de manejo e reprodução de quelônios desenvolvidas por professores, alunos e muitos moradores/voluntários e amigos do projeto, além dos procedimentos metodológicos em que a pesquisa foi desenvolvida, os resultados obtidos por meio dos dados coletados das pessoas envolvidas e suas opiniões em favor dos problemas ambientais e das oportunidades de melhor compreensão dos recursos naturais.

O ESTUDO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

As preocupações com os problemas ambientais “têm uma história quase oficial, ligando-as às conferências globais e aos movimentos sociais no mundo” (REIGOTA, 2004, p. 21). Entre os muitos encontros promovidos, “o ano de 1972 será aquele que verá os acontecimentos mais decisivos para a evolução da abordagem ambiental no mundo” (DIAS, 2004, p.79).

A Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (1972), em Estocolmo, reconheceu pela primeira vez a educação ambiental como um elemento importante para resolver a crise ambiental global, recomendando a formação de professores e o desenvolvimento de novos métodos para enriquecer a leitura dos problemas ambientais no mundo em sala de aula (BARROS, 2012).

Dentre as resoluções aprovadas na Conferência de Estocolmo, “a mais importante delas era que os cidadãos deveriam ser educados para resolver os problemas ambientais” (LIMA & MOURÃO, 2007, p.33). Devido às pressões derivadas das consequências criadas pela Conferência de Estocolmo, “em 1973, a Presidência da República criou, no Ministério do Interior, a Secretaria Especial do Meio Ambiente - Sema, primeiro organismo brasileiro de ação nacional, orientado para a gestão integrada do ambiente” (DIAS, 2004, p. 80).. “Uma nova consciência ambiental crítica surgiu no Brasil” (LIMA & MOURÃO, 2007, p. 34). Porém, devido a interesses políticos, suas ações foram limitadas.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) também é considerada um momento histórico para contribuir para a evolução da educação ambiental. Segundo Dias (2004, p. 521), dados os resultados da Rio-92, “ela concentrou a atenção do mundo nos problemas ambientais; Preparação da Agenda 21, Um plano de ação para o século XXI, enfrentando os problemas e desafios ambientais.

No Brasil, a educação ambiental é apoiada como componente essencial e permanente pela Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9.795/99). A Lei das Diretrizes e Bases da Educação de 1996, enfatiza que os alunos devem compreender seu ambiente natural e social, desenvolvendo uma compreensão das pessoas e do ambiente em que vivem (BARROS, 2012). É, portanto, fundamental que os alunos compreendam as questões ambientais e o real valor que o ambiente tem nas suas vidas.

ALGUMAS DEFINIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Existem muitas definições sobre educação ambiental. Segundo Dias (2004, p. 98), “a evolução dos conceitos de EA esteve diretamente ligada à evolução do conceito de meio ambiente e à forma como ele foi percebido”. Da mesma forma, Reigota define o meio ambiente como:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos sociais e naturais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica, processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade [...]. Para que possamos realizar a educação ambiental, é necessário antes de tudo conhecer as concepções de meio ambiente das pessoas envolvidas nas atividades (2004, p. 21).

Segundo Dia, o Ministério do Meio Ambiente define a educação ambiental como “um processo ao longo da vida em que os indivíduos tomam consciência do seu ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que lhes permitem agir e resolver problemas ambientais atuais e futuros” (2004, pág. 523). Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da participação cidadã nas questões ambientais. E a partir dessa compreensão do homem e da natureza, as discussões só ganham força e, de uma forma ou de outra, aplicam a educação ambiental em sala de aula.

Na Conferência de Tbilisi (1977),

A EA foi definida como uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de um enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade (DIAS, 2004, p. 98).

Agir com responsabilidade diante dos problemas e desafios ambientais exige trabalho individual e coletivo. O CONAMA (1996) definiu EA:

Como um processo de formação e informação, orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais e de atividades que levem à participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental (DIAS, 2004, p. 98).

Atualmente, a educação ambiental pretende chegar a todos os cidadãos e procura sensibilizar criticamente para as questões ambientais. Segundo o conceito de educação ambiental definido pela Comissão Interministerial em preparação para a Rio-92:

A EA se caracteriza por incorporar a dimensão socioeconômica, política, cultural e histórica, não podendo basear-se em pautas rígidas e de aplicação universal, devendo considerar as condições e o estágio (sic) de cada país, região e comunidade, sob uma perspectiva holística. Assim sendo, a EA deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio, na satisfação material e espiritual (CA) da sociedade, no presente e no futuro (DIAS, 2004, p. 99).

O autor chama a atenção para a importância da compreensão do meio ambiente e de seus problemas, do uso adequado dos recursos naturais, onde sejam criadas alternativas em favor da qualidade de vida e de um mundo melhor.

ESTUDO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Nos últimos anos, a questão ambiental tem assumido grande importância, inclusive no campo da educação, como uma das mais importantes ferramentas para a preservação dos recursos naturais (PEDRINI, 2002). Desenvolveu-se em diferentes esferas sociais e “criou profundas reflexões, críticas e debates, porque é uma necessidade urgente direcionada à adoção de novas práticas, novos modos de vida, uma nova concepção do homem e da natureza” (PEDRINI, 2002 pág. 172). Assim, a educação ambiental, que segundo Reigota (1994), é entendida como “educação

política”, “tem sido amplamente discutida como uma das possibilidades de superação dos problemas ambientais atuais, onde a questão da cidadania ocupa o centro dos debates”. (PEDRINI, 2002, p.172). Portanto, são fundamentais para pensar e desenvolver programas, atividades, projetos e ações em educação ambiental.

Como promotora da educação formal, a escola busca hoje formar cidadãos de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, e “é criada para responder às demandas da sociedade” (PEDRINI, 2002, p. 139). Da mesma forma, “a escola é uma instituição que atua de forma paradoxal, adaptando os indivíduos à sociedade e permitindo-lhes serem agentes de mudança na mesma sociedade” (PEDRINI, 2002, p. 139).

É justamente no cotidiano da escola que existem oportunidades de intervenção nas questões ambientais. E, segundo Barcelos (2008, p. 87), “quando se trata de questões ambientais, no mundo contemporâneo, uma das grandes dificuldades é justamente chegar a pontos de consenso”. É nesse sentido que podem ser encontradas alternativas aos problemas enfrentados, “criados num processo de diálogo, de conversa entre os participantes” (BARCELOS, 2008, p. 88).

Contudo, é preciso dizer que a educação ambiental, segundo Reigota (2004: 25), “deve estar presente em todas as áreas que formam os cidadãos”. E ele continua afirmando que:

A escola é um local privilegiado para a realização da educação ambiental, desde que se dê oportunidade à criatividade, ao debate, à pesquisa e à participação de todos. Embora a ecologia, como ciência, tenha uma importante contribuição a dar à educação ambiental, ela não está mais autorizada que a história, o português, a química, a geografia, a física, etc. (2004: 25).

Reigota chama a atenção para o fato de que atuar coletivamente na direção da educação ambiental, da qual todos participam, pode ser o ponto de partida para fortalecer os laços de cidadania para a construção de uma sociedade melhor.

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES

Segundo Pedrini (2002, p. 255), “a degradação ambiental deste século reduziu significativamente a diversidade biológica nos mais diversos ecossistemas, tanto terrestres como aquáticos”. E este ataque à biodiversidade “apresenta um grave problema para as gerações atuais e futuras” (PEDRINI, 2002, p. 255).

Isto se justifica “pelo aumento da atividade humana e seu impacto nos sistemas naturais” (PEDRINI, 2002, p. 255). Portanto, a educação ambiental tem um papel crucial, pois todos os esforços para preservar a natureza serão em vão se esta não tiver realmente consciência das suas necessidades (PEDRINI, 2002). É oportuno, portanto, enfatizar a importância da conservação dos recursos naturais e do que eles representam na vida humana.

Segundo Pedrini (2002, p. 258), “para diminuir o efeito das ações degradantes, conservaremos algumas espécies, inclusive a que mais perturba”. Isso porque, segundo Pedrini (2002, p. 258), “a conservação de espécies individuais pode resultar em proteção emocional”. Porém, “a educação ambiental é fundamental, pois sem ela não há como chegar ao principal aliado da conservação: a comunidade” (PEDRINI, 2002, p. 258). É sem dúvida o maior “parceiro” no trabalho de proteção ambiental.

O SURGIMENTO DO PROJETO “PÉ-DE-PINCHA”

O consumo de quelônios e seus ovos faz parte dos hábitos alimentares e da cultura dos povos amazônicos. Porém, “devido à caça de adultos e coleta de ovos, as populações de quelônios desapareceram” (ANDRADE, 2008, p. 6). Para evitar a extinção dos quelônios, segundo Andrade:

O consumo de quelônios e seus ovos fazem parte do hábito alimentar e da cultura do homem amazônico. No entanto, “devido à caça de adultos e à coleta de ovos, as populações de quelônios vem desaparecendo” (ANDRADE, 2008, P. 6). Para impedir o desaparecimento dos quelônios, nos dizeres de Andrade:

A necessidade da comunidade levou à sua união, com os pesquisadores do UFAM e do IBAMA, para “estimular a conservação dos quelônios através do seu manejo participativo” (ANDRADE, 2008, p. 114). O projeto recebeu o apelido de “pé de pinça”, “por causa das pegadas desse animal na areia, que lembram tampinhas de refrigerante” (ANDRADE, 2008, p. 114), conhecidas como “pinchas” na região.

Segundo Andrade (2008, p. 15), para iniciar os trabalhos do projeto pé-de-pincha, “os técnicos e professores do UFAM firmaram parceria com o IBAMA, o município e os membros da comunidade”. Assim, “suas ações são realizadas em 76 localidades dos municípios de Parintins, Barreirinha e Nhamunda, no estado do Amazonas, e Terra Santa, Oriximiná, Faro e Juruti, no estado do Pará” (ANDRADE, 2008, p. 15).

Segundo Andrade, entre os objetivos do projeto,

Além da preservação de tracajás (*Podocnemis unifilis*), pitiús (*P. sextuberculata*), tartarugas (*P. expansa*) e irapucas (*P. erythrocephala*), pelos próprios comunitários, estão presentes as possibilidades de utilização do recurso para subsistência, a criação em cativeiro e a comercialização de filhotes para criatórios autorizados. Soma-se a isso todo um programa de educação ambiental com palestras, capacitação de professores e alunos, formação de agentes ambientais voluntários, atividades de incentivo ao ecoturismo e organização das comunidades em associações e cooperativas (2008, p. 15).

Para realizar a atividade há muito trabalho de manejo de quelônios. O projeto ensina alunos de escolas locais afetadas, professores e membros da comunidade como manejar ovos de quelônios para que tenham melhores chances de sobreviver na natureza.

Segundo Andrade (2008, p. 19), “durante a sua implantação são realizadas inúmeras ações educativas nos aspectos de manejo, reprodução e preservação da espécie”. O envolvimento dos alunos, professores e comunidade é, portanto, essencial para a perpetuação da espécie, e para a aquisição dos seus conhecimentos e novas perspectivas sobre os recursos naturais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter quanti-qualitativo, pautada no método fenomenológico, que nos permite trabalhar com coleta de dados, observação direta, questionários aplicados a alunos de 4º e 5º anos do ensino fundamental, entrevistas com professores, além de consulta de documentos da própria escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Começamos a analisar as atividades realizadas na Escola Municipal do Distrito de Piraí, Rio Andirá, município de Barreirinha-Am, a partir das representações dos sujeitos que ali vivem e trabalham. Segundo Bezerra & Bezerra (1991, p. 114), “conhecer as representações dos sujeitos que vivenciam determinada realidade permite compreender as manifestações que manipulam o cotidiano dessa realidade”. Isto depende da sua disposição em promover mudanças nos projetos e programas de educação ambiental.

Quanto aos professores da escola, a técnica utilizada foram entrevistas com professores que, desde a implantação do projeto “pé-de-pincha” na escola, em 2010, acompanham as atividades de manejo e reprodução de quelônios.

Quando questionados sobre como é a vida na comunidade, em relação aos recursos que ela disponibiliza, os entrevistados respondem de forma unânime que antes não havia preocupação na comunidade com o abuso dos recursos naturais, como espécies de peixes e principalmente os quelônios como o tracajá (*Podocnemis unifilis*), que, segundo Andrade (2008, p. 6), “devido à caça de adultos e à coleta de ovos, as populações de quelônios desapareceram”. É, portanto, com base nesta observação que a comunidade tem tentado desenvolver atividades de gestão de tartarugas.

Ao trabalhar em projetos e/ou questões relacionadas ao meio ambiente, “a educação ambiental tem um papel crucial, pois todos os esforços para preservar a natureza serão em vão se o homem não tiver realmente consciência de suas necessidades” (PEDRINI, 2002, p. 256)). Isso se justifica pelo fato de que se não há consenso, não adianta trabalhar em conjunto, o que, segundo Barcelos (2008, p. 59), “bom, se há consenso no trabalho de educação ambiental é o que devemos trabalhar juntos. Trabalhar em conjunto no trato das questões ambientais torna-se essencial para manter a qualidade do meio ambiente. Portanto, como diz Pedrini (2002, p. 173), “é fundamental repensar a relação homem-natureza, que inclui conhecimento, consciência, valores e atitudes”. O homem, como principal agente de transformação da natureza, é também o principal responsável pela preservação, proteção e conservação dos recursos naturais que ela proporciona.

Quando questionados sobre o que motivou a comunidade a desenvolver o projeto “pé-de pincha”, alguns professores responderam que foi a pesca predatória excessiva das lagoas próximas ao rio Andirá, ou seja, a falta de peixes e, sobretudo, de quelônios do invasores, a maioria deles vem do exterior, ou seja, de outros lugares.

Segundo o depoimento da Prof.^a M.C. B. F. (45 anos):

Então tinha essa necessidade de uma pessoa ir pescar e trazer esse peixe, sabe, há muitos anos atrás a gente saía, colocava rede, pegava um peixe bonito, e hoje a gente mora aqui há muitos anos, enquanto as pessoas vêm do exterior com todo tipo de equipamento de pesca né, e pegar o melhor peixe, enquanto nós aqui, que somos da comunidade, ficamos sentados [...]. Então foi isso que nos fez lutar. Essa necessidade de não ter mais quelônios, essa necessidade que a gente não tinha antes, foi o que nos acordou para começar a luta por esse trabalho (Trabalho de Campo, 2019).

Outros professores responderam que, além dos “problemas decorrentes da degradação ambiental” (PEDRINI, 2002, p. 256), há um desconhecimento das ações do projeto “pé-de-pincha”. A.J.T. (47 anos):

[...] a escola só participou na época da libertação. Então, desde o início do processo, não tínhamos conhecimento de como isso iria acontecer, e isso nos fez, sim, haver uma preocupação entre nós, porque só nos pediram para buscar os alunos no dia da soltura. Portanto, nós mesmos não conseguimos explicar ao aluno qual era o procedimento (...). Para que eles tenham mais conhecimento desse processo, como fizeram hoje, nós professores já fizemos, as crianças já entendem como é feito o trabalho, como começa, como termina. Então com o pouco conhecimento que já temos, já estamos transmitindo esse conhecimento ao aluno. Então isso nos motivou muito a participar e trazer o projeto pé-de-pincha para cá (Trabalho de campo, 2019).

Nesse sentido, fica claro o quão importante é a transmissão desse conhecimento como forma de atingir o maior número de pessoas nos programas de conservação da natureza” (PEDRINI, 2002, p. 257). Percebemos essa melhora dos participantes nas palavras de Andrade (2008, p. 23), quando eles “passaram a ter um vocabulário mais rico, melhorando sua capacidade de transmitir e receber informações continuamente”.

Quando questionados sobre os principais problemas encontrados no trabalho com os quelônios, os professores não tiveram dificuldade em responder que a falta de apoio da própria comunidade e o desinteresse em cooperar, principalmente na coleta de ovos, são os mais prejudiciais aos progressos do projeto

Segundo relato da Prof.^a M.C. B. F. (45 anos):

Bom, são poucas as pessoas que nos ajudam nesse projeto, muito poucas. Como eu disse, eles contam com voluntários, são poucas as pessoas que querem participar, até os pais ainda são muito poucos, mas houve avanços desde o início até agora. Não é a participação que esperamos, acredito que ao longo dos anos vão vendo o trabalho tal como é feito, sentimos que a participação já está um pouco avançada, mas não é a participação ativa que

esperamos. O que falta é que todos tenham uma consciência, acho que o que falta é a sensibilidade das pessoas, a consciência do trabalho que está sendo feito. Eu sempre falo e digo: vamos agora educar as crianças, os adultos, precisamos reeducar os adultos sobre toda essa situação. A participação é baixa, mas valiosa (TRABALHO DE CAMPO, 2019).

Quando se trata de questões ambientais e de educação ambiental na escola, esta inclusão é um ponto decisivo para o sucesso ou fracasso das nossas alternativas metodológicas de trabalho (Barcelos, 2008, p. 107).

Quando se trata de encontrar soluções para problemas relacionados ao meio ambiente, voltamos a pensar no que Barcelos (2008) enfatiza sobre o trabalho conjunto. E, diante das dificuldades relacionadas a essas questões, enfatiza:

Uma decorrência disto é que ao buscarem-se soluções para os problemas ecológicos defrontamo-nos com tantas e tão dificuldades. São dificuldades que em muitos casos não decorrem de falta de vontade sincera de resolução destes problemas por parte daqueles e daquelas que estão envolvidos com a questão. São dificuldades e impasses que nem sempre estão relacionados a discordâncias quanto aos fins a serem atingidos, nem mesmo quanto aos métodos a serem utilizados, muito menos a disputas pessoais e/ou grupais de poder. Mas, estão sim, vinculadas ao fato de que o mesmo problema ou questão ecológica e/ou ambiental pode ser visto, interpretado, representado, de forma diferente, pela pessoa envolvida. Ou seja, as representações que se formam por cada pessoa podem ser bastante diferentes, embora, aparentemente, o problema seja o mesmo (2008 p. 88-9).

Isto nos leva a refletir sobre as diferentes percepções humanas sobre os problemas ambientais, pois, segundo Barcelos (2008, p. 89) “uma prova radical desta situação é que em muitos casos o que é considerado um problema ecológico por uma pessoa pode” não seja para outra pessoa.

Podemos observar esta questão nas palavras da Prof.^a F. D. S. (43 anos):

Quem está até agora ouve muitas piadas, dizendo que está errado, que não pode fazer isso, que quem tem pena são os pássaros. Então quem faz isso tenta se livrar de quem quer ajudar, e vemos que esses voluntários, independente desses boatos, estão, junto com quem só fala mal, só quer destruir com seu trabalho. E nós também temos medo, que nossos voluntários desistam, por causa dessas pessoas, e nos deixem em só (TRABALHO DE CAMPO, 2019).

Portanto, podemos observar a “frieza” de quem depreda os recursos naturais, ou seja, de quem não vê problema no consumo excessivo de determinado tipo de recurso natural.

Começamos a analisar o posicionamento dos alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental em relação às atividades realizadas. No artigo foram utilizados questionários como técnica aplicada, ou seja, um total de 15 questionários, que foram analisados conforme tabelas a seguir.

Quando questionados sobre o porquê de gostarem de viver na comunidade, verificamos que as respostas variaram e que os motivos com maior percentagem de alunos mencionados foram: “porque é próximo da natureza” (60%), seguido de “porque a comunidade é linda” (20%), (tabela 1).

Tabela 01: Você gosta de morar na sua comunidade?

Motivos	Nº	%
porque é próximo da natureza.	09	60
porque a comunidade é linda	03	20
Porque ela trabalha com o Projeto “pé-de-pincha”.	02	13,33
Outros	01	6,67
Total	15	100

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Podemos observar a relação da criança com o aspecto natural, onde ela pode ter contato direto com a natureza, com os seres vivos, e notamos também que quase todas as respostas estão relacionadas ao ambiente natural. E essa proximidade com a natureza, esse contato direto com o meio ambiente é fundamental para que os professores possam atuar nas ações de educação ambiental.

Quando questionados sobre o que é educação ambiental, constatou-se que o motivo do maior índice citado pelos estudantes foi “educação voltada à preservação do meio ambiente” (73,34%), conforme mostra a Tabela 2:

Tabela 02: O que é Educação Ambiental?

Motivos	Nº	%
Educação voltada à preservação do meio ambiente..	11	73,34
É uma forma de educar os alunos.	02	13,33
Outras	02	13,33

Total	01	100
Total	15	100

Fonte: Elaboração do autor, 2019

Então vemos que os alunos já têm uma ideia do que é educação ambiental e isso já se tornou um avanço para a educação comunitária, em que os professores, mesmo com pouco conhecimento que sua formação proporciona sobre o assunto, os atendem. conseguem transmitir aos seus alunos a importância e o cuidado com a natureza, por meio de atividades e trabalhos ambientais. E essa capacidade imaginativa, principalmente nas crianças, não pode ocorrer sem uma reflexão que concilie pensamento e ação (BARCELOS, 2008).

Questionados sobre a importância da proteção dos lagos da comunidade, 33,33% dos estudantes responderam “para evitar a poluição e a comercialização de animais”, seguidos pelos mesmos 33,33% “por causa dos predadores dos lagos”, conforme tabela abaixo:

Tabela 03: É importante proteger os lagos da Comunidade?

Respostas	Nº	%
para evitar a poluição e a comercialização de animais	5	33,33
Por causa dos predadores dos lagos	5	33,33
Porque ajuda a escola com o projeto “pé-de-pincha”.	3	20,00
Outras	2	13,34
Total	15	100

Fonte: Elaboração do autor, 2019

Vemos assim que a preocupação dos estudantes com as atividades irregulares realizadas no distrito de Piraí, no rio Andirá, justifica os problemas vividos pelos membros da comunidade diante da destruição dos recursos disponíveis nas lagoas da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os projetos realizados pela Escola Municipal do Distrito Piraí no Rio Andirá no município de Barreirinha-Am, o projeto de manejo, reprodução e conservação de quelônios merece nossa atenção pois, através dele, professores e

alunos trabalham juntos para as questões ambientais, a partir de ações educativas, onde os alunos têm a oportunidade de compreender desde cedo suas concepções sobre os recursos naturais e de construir novas perspectivas baseadas na educação ambiental, na qual a escola é a principal aliada neste processo educativo.

É justamente nesta concepção que a escola, através de seus professores, têm a oportunidade de trabalhar a realidade vivenciada por seus alunos, onde cabe a responsabilidade de formar cidadãos engajados no ambiente natural, diante da dificuldade e resistência impostas, não impedindo-os de procurar novas formas de ação para os recursos naturais.

Portanto, é um trabalho coletivo que só pode ser realizado se todos contribuírem, se todos se comprometerem com a proteção do meio ambiente, em prol de uma melhor qualidade de vida. E essa integração da escola x comunidade é de fundamental importância, pois a escola introduz a questão ambiental no seu cotidiano e a introduz na vida dos seus alunos e demais integrantes desse processo, além de permitir o ensino e a aprendizagem, ela é possível desenvolver, por meio da educação ambiental, uma série de valores e ações básicas para a formação da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Paulo César Machado. **Criação e Manejo de Quelônios no Amazonas**. Manaus: Pro Várzea/IBAMA, 2008.

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARROS, Fernanda Rodrigues Corrêa de. **Meio Ambiente e Sociedade: o papel do professor na construção de uma educação ambiental crítica**. Rio de Janeiro, 2012.

BEZERRA, Eufrásio; BEZERRA, Aldenice Alves. **A prática pedagógica na escola pública de 1º grau: o fracasso da prática ou a prática do fracasso?** Manaus, Imprensa Universitária, 1991.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento sustentável: dimensões e desafios**. – Campinas, SP: Papyrus, 2003.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. – São Paulo: Gaia, 2004.

LEITE, Ana Lúcia Tostes de Aquino; MININNI-MEDINA, N. **Educação Ambiental: curso básico à distância: documentos e legislação da educação ambiental**. Brasília: MMA, 2001.

LIMA, Cristiane Cavalcante; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. **A representação social da educação ambiental: a visão docente no curso de Pedagogia**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão, (org.). **O contrato social da ciência: unindo saberes na educação ambiental**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

REIGOTA, M. O que é educação ambiental. São Paulo: Brasiliense, 1994.